

## EDUCAÇÃO FÍSICA E A REIFICAÇÃO DO CORPO NO DEBATE COM LUKÁCS

Tadeu João Ribeiro Baptista

### RESUMO

O corpo tem sido continuamente reificado dentro das relações sociais, perdendo a sua humanidade, e sendo convertido em coisa. O objetivo é discutir como a teoria da reificação elaborada por Lukács contribui para compreender a constituição do corpo na educação física. Destarte, elabora-se como problema: Como a educação física tem contribuído para desenvolver a reificação do corpo na atualidade? Destarte, o texto discute no primeiro momento a reificação a partir de Lukács, depois, analisa algumas contribuições da educação física neste processo e, finalmente, apresenta algumas possibilidades de reflexão sobre o tema em uma nova perspectiva.

Palavras-chave: Educação Física. Corpo. Reificação.

### ABSTRACT

The body has been continually reified within social relationships, losing their humanity, and be converted into something. The objective is to discuss the theory of reification, as developed by Lukács, helps to understand the constitution of the body in physical education. Thus, establish themselves as problem: How physical education has helped develop the reification of the body at present? Thus, the text discusses, first, the reification from Lukács, then examines some contributions of physical education in this process, and finally presents some opportunities for reflection on the theme in a new perspective.

Key words: Physical Education. Body. Reification.

### RESUMEN

El cuerpo ha sido continuamente reificaban dentro de las relaciones sociales, perdiendo su humanidad, y se convertirá en cosa. El objetivo es discutir la teoría de la reificación como desarrolladas por Lukács contribuye a la comprensión de la formación del cuerpo en la educación física. El problema es: ¿Cómo la educación física ha contribuido al desarrollo de la cosificación del cuerpo en la actualidad? Así, analiza-se, primera, la reificación de Lukács, despues, algunas de las contribuciones de la educación física en este proceso y, por último, se presentan algunas oportunidades para la reflexión sobre el tema en una nueva perspectiva.

Palabras clave: Educacion Fisica. Cuerpo. Reificacion.

Não é de hoje que a educação física trata do tema da reificação do corpo e este tema, faz parte da literatura da área há algum tempo, como pode ser verificado no livro de Silva (2001a), para citar um exemplo. Apesar disso, pretende-se analisar o tema com referência no livro de Lukács (2003), onde o autor discute a concepção da reificação da classe trabalhadora e os seus impactos na vida das pessoas. O autor está

preocupado com o impacto da reificação sobre a consciência das pessoas, embora, Goldman (1979) diga que a reificação não atinge apenas a consciência, mas todas as esferas da existência, inclusive em relação à constituição do corpo, fato apresentado por Baptista (2007). Desse modo, o objetivo desse trabalho é discutir como a teoria da reificação elaborada por Lukács, contribui para compreender a constituição do corpo na educação física. Destarte, elabora-se como problema: “Como a educação física tem contribuído para desenvolver a reificação do corpo na atualidade?”. Contudo, considera-se a atualidade configurada dentro do modo de produção capitalista e, apesar de seu acirramento, continua apresentando as mesmas leis gerais do século XIX e XX.

Este texto de caráter teórico se apóia na coleta de dados de caráter bibliográfico, pois como define Medeiros (2006, p. 54), a “[...] pesquisa bibliográfica busca dar resposta ao problema formulado, a partir da análise de produções de outros autores”.

O texto a seguir será dividido em duas partes. A primeira terá como foco, discutir a teoria da reificação com base na discussão de Lukács (2003). Na segunda, debater-se-á a educação física como construtora de um corpo reificado. Finalmente, serão apresentadas algumas possibilidades de transformação do quadro atual.

## 1. A Reificação na concepção de Lukács.

A reificação não é um tema novo na literatura e muito menos nova, ou ainda, exclusividade do debate realizado por Georg Lukács. O tema da reificação é anunciado por Marx (1996) no século XIX, quando o mesmo trata da relação entre os trabalhadores e os seus produtos. O autor comenta:

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma um trabalho social total. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre coisas. (MARX, 1996, p. 199) (Grifo nosso)

De acordo com Marx (1996), a reificação das pessoas se constitui pelo fato de as mesmas se objetivarem nas mercadorias produzidas por elas, mas em uma relação dada entre coisas. Em outras palavras, quando o ser humano perde a capacidade de se subjetivar, a objetivação ocorre de maneira alienada. Isso desencadeia uma seqüência de eventos iniciados na perda do produto, do controle do processo, perdendo a si mesmo como humano e assim convertendo-se em uma coisa – apêndice da máquina – e,

finalmente perdendo a capacidade de reconhecer o outro como humano (MARX, 2002)<sup>1</sup>.

Quando este autor anuncia o processo de alienação ele acaba por demonstrar o primeiro elemento responsável pela construção do ser humano enquanto coisa. A alienação é um dos fundamentos responsáveis pela constituição do ser humano enquanto coisa, haja vista, a sua incapacidade de subjetivação e assim, convertendo-se em uma coisa, a qual tem como característica, a busca de produção de mercadorias.

Mas ao produzir mercadorias, o proletário enquanto vendedor de sua força de sua força de trabalho terá convertido também em uma mercadoria, portanto, coisa de valor fantasmagórico possuidora de fetiche. Esse tema desenvolvido por Marx (1996) facilita a compreensão da reificação, pois, de acordo com Goldman (1979) e Resende (1992), a reificação depende do processo de alienação e de fetichismo da mercadoria simultaneamente. A relação do fetichismo da mercadoria com a reificação é apresentada por Baptista (2007). O autor comenta:

O trabalho converte, pelo fetichismo da mercadoria, as capacidades do trabalhador ao seu regime, sem provocar grandes problemas para os capitalistas, visto que os trabalhadores, ao se transformarem em mercadoria, também se tornam, assim como outro objeto qualquer, uma coisa.

Essa transformação do trabalhador em coisa, conseqüentemente em mercadoria fetichizada com um valor fantasmagórico a ser consumido no processo produtivo, no qual se elabora a sua parcialidade. Tendo em vista a sua conversão em apêndice da máquina, cria-se a base sobre a qual se constrói a sua mera coisificação. É onde as suas características se assemelham à de um instrumento de produção qualquer, inclusive com uma determinada vida útil, ao fim da qual deverá ser substituída como outra mercadoria qualquer. Geram-se, com estas perspectivas, os fundamentos para a reificação do trabalhador, compreendido como o processo de coisificação do homem. Coisificar o homem é condição necessária para a produção e reprodução do capital, pois o ser humano não consegue se ver mais em sua condição de humanidade, mas em sua condição de coisa, conectando-se com outras coisas, mesmo tendo a condição de produzi-las. (BAPTISTA, 2007, p. 76)

As análises realizadas até aqui, tem como objetivo central criar as bases para apresentar a compreensão de Lukács a respeito da reificação. A reificação se manifesta pela relação do trabalhador com a sua própria atividade produtiva, porquanto, “[...] o homem é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que o domina por leis próprias que lhe são estranhas” (LUKÁCS, 2003, p. 199). Essas leis estranhas ao trabalhador são constituídas pelo modo de produção capitalista, e as suas leis gerais, não são, grosso modo, compreendidas pelo trabalhador, uma vez que, ele não detém o controle do processo produtivo. Dessa maneira, o processo da reificação pode ser compreendido de acordo com Lukács em duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva.

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes sobre o processo de alienação ver Marx (2002).

Do ponto de vista objetivo, Lukács (2003) diz:

Objetivamente, quando surge um mundo de coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo nesse caso se lhes opõem como poderes intransponíveis, que se exercem a partir de si mesmos. O indivíduo pode, portanto, utilizar seu conhecimento sobre essas leis a seu favor, sem que lhe seja dado exercer, mesmo nesse caso, uma influência transformadora sobre o processo real por meio de sua atividade. (LUKÁCS, 2003, p. 199)

O mundo das coisas, conforme comentado pelo autor está diretamente relacionada à construção das leis sociais determinadas pela produção das necessidades básicas. Compreender as suas leis é fundamental, para superar as suas condições, mas para isso, será necessário transformar as condições apresentadas por este modo de produção. Além das condições objetivas, há influências da reificação também sobre as condições subjetivas. O autor comenta:

[...] quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, de leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independentes dos homens como qualquer bem destinado à satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo. (LUKÁCS, 2003, p. 199-200)

Sobre isso, dirá Baptista (2007, p. 78):

Dentro dessa perspectiva de relações sociais objetivas, encontram-se as diferentes determinações colocadas nas relações de trabalho de duas maneiras bastante específicas. De um lado, postas de maneira fragmentada, desenvolvendo atividades de trabalho repetitivas e mecânicas, responsáveis pela própria coisificação do homem. Por outro lado, estas relações são calculáveis dentro da racionalização e da mecanização constituídas pelo próprio capitalismo e sua forma de organização da produção.

Nessa perspectiva, a constituição da reificação se manifesta do ponto de vista objetivo e subjetivo na determinação das mercadorias que se equivalem entre si abstratamente. Não há possibilidade de o trabalhador compreender claramente, as leis sob as quais ele está submetido, do ponto de vista objetivo e do ponto de vista subjetivo para compreender a equivalência existente entre as mercadorias. Tanto o trabalhador como os produtos elaborados por ele, possuem por fetiche o mesmo valor, da mesma forma, dois objetos distintos poderiam possuir o mesmo preço da hora de trabalho de qualquer pessoa, ou seja, ao fim e ao cabo, todas as mercadorias se equivalem. Lukács (2003) demonstra este ponto:

[...] o princípio de sua igualdade formal só pode ser fundado em sua essência como produto do trabalho humano abstrato (portanto, formalmente igual). Subjetivamente, essa igualdade formal do trabalho humano abstrato não é somente o denominador comum ao qual os diferentes objetos são reduzidos na relação mercantil, mas torna-se também o princípio real do processo efetivo de produção de mercadorias. (LUKÁCS, 2003, p. 200)

Essa igualdade formal constituída pela lógica da mecanização industrial, apoiada na racionalidade instrumental elimina as qualidades do ser humano em todas as classes sociais (Idem). A subjetividade de cada um já está construída de maneira pronta e acabada neste modo de produção. A possibilidade de constituir qualquer possibilidade subjetiva desaparece face às características produtivas. Em uma sociedade sem reconhecimento quem realmente produz, não pode levar a termo a consolidação de um outro ser humano, com condições reais de subjetivação. Em condições de repetição, mecanização, objetivação e racionalização o ser humano se vê invadido por estes artifícios.

[...] essa mecanização racional penetra até na “alma” do trabalhador; inclusive suas qualidades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e são objetivadas em relação a esta última, para poderem ser integradas em sistemas especiais e racionais e reconduzidas ao conceito calculador. (LUKÁCS, 2003, p. 202)

Esse sistema calculador define a condição de demarcar o ser humano como carcaça do tempo, porque o seu valor é determinado pela quantidade de trabalho e, conseqüentemente, de produção realizada por cada trabalhador. Este tempo é abstrato e desintegra mecanicamente a condição de cada sujeito.

Nesse ambiente em que o tempo é abstrato, minuciosamente mensurável e transformado em espaço físico, um ambiente que constitui, ao mesmo tempo, a condição e a conseqüência da produção especializada e fragmentada, no âmbito científico e mecânico, do objeto de trabalho, os sujeitos do trabalho devem ser igualmente fragmentados de modo racional. Por um lado, seu trabalho fragmentado e mecânico, ou seja, a objetivação de sua força de trabalho em relação ao conjunto de sua personalidade – que já era realizada pela venda dessa força de trabalho como mercadoria –, é transformado em realidade cotidiana durável e intransponível, de modo que, também nesse caso, a personalidade torna-se o espectador impotente de tudo o que ocorre com sua própria existência, parcela isolada e integrada a um sistema estranho”. Por outro lado, a desintegração mecânica do processo de produção também rompe os elos que, na produção “orgânica”, religavam a uma comunidade cada sujeito do trabalho. (LUKÁCS, 2003, p. 205)

A racionalidade instrumental, fundamento da reificação do ser humano leva à extrapolação da condição de alienação por uma objetivação intransponível do ponto de vista da organização da vida, como coisa adequada para a produção. É possível inferir o fato de o ser humano não ser apenas um apêndice da máquina, mas, nas condições atuais, o próprio aparelho produtivo. Este instrumento que se vende para garantir o seu óleo, ou seja, o seu salário, pelo qual troca a sua condição de produtor. Porém,

Enquanto esse processo ainda é incipiente, os meios para extrair o excedente de trabalho são, por certo, ainda mais brutais e evidentes que nos estágios ulteriores e mais evoluídos, mas o processo de reificação do próprio trabalho e, portanto, também da consciência do operário são muito menos adiantados. (LUKÁCS, 2003, p. 207)

Quanto mais o modo de produção se desenvolve, menor é a condição humana de cada um. Ao invés de ela se desenvolver em direção à sua humanidade, esta se atrofia, em outras palavras, ele fica cada vez mais parcializado e fragmentado. Assim, “[...] todas as condições econômicas e sociais do nascimento do capitalismo moderno agem nesse sentido: substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 2003, p. 207).

Mas um fator crucial em relação à reificação é o fato de a mesma invadir todas as esferas da vida humana e não apenas as dimensões econômicas e sociais, mas também à esfera intelectual. Sobre este fato pode-se dizer:

O que nos interessa aqui é a modificação que o processo de reificação acarreta na natureza das relações entre infra e a superestrutura. No seu conjunto, o fenômeno é geral. O que designamos sob o termo *reificação* sendo em primeiro lugar o aparecimento na vida social dos *processos econômicos* enquanto *fenômenos autônomos* e, por isso mesmo, *meramente quantitativos*, sua primeira consequência é subtrair quase inteiramente esses fenômenos à ação da superestrutura, reforçando, ao contrário, sua ação sobre esta (GOLDMANN, 1979, p. 131). (Grifos do autor)

A relação entre a super e a infra-estrutura, a determinação dos processos econômicos de maneira autônoma se caracteriza apenas pelos aspectos quantitativos. Não há neste caso diferenças qualitativas no processo da reificação. Desse modo, garante-se o controle sobre a maioria absoluta da população (GOLDMAN, 1979), tendo em vista o fato de a reificação ser um processo em pleno desenvolvimento nas condições sociais atuais.

Com o passar do tempo, porém, à medida em que a reificação foi fazendo progressos, a ruptura entre a realidade social e a busca do humano acentuou-se a tal ponto – pelo menos no mundo capitalista – que a expressão dessa busca teve de ceder lugar à simples constatação e descrição de uma realidade social

reificada inumana e privada de significação. (GOLDMANN, 1979, p. 137).

Esta falta de significação da realidade social constitui um modelo de sociedade que não considera a unidade do sujeito, mas, acima de tudo o seu rompimento. “A reificação rompe a unidade entre o sujeito e o objeto, produtor e produto, espírito e matéria e o pensador apenas constata essa ruptura, tomando-a por um fenômeno fundamental e natural da vida humana” (GOLDMANN, 1979, p. 144). Com este rompimento a sociedade vê como normais as separações existentes entre sujeito e objeto, corpo e alma, razão e emoção, para dar apenas alguns exemplos. Assim, a reificação do ser humano considera normal a conversão do ser humano em uma máquina. Este fato se justifica de acordo com Lukács (2003) pelo fato dos seres humanos serem vistos como seres abstratos. Ou seja, ser abstrato significa aqui a incapacidade de compreender a sua dimensão complexa de ser humano, desse modo, como ele é reduzido à sua condição produtiva, e por isso, quantitativa, o ente se equivale a outros apenas por cálculos racionais que abstratamente equiparam todas as coisas.

Tornar as pessoas iguais significa igualar o seu trabalho e a sua capacidade produtiva, assim sendo, cada ente se individualiza ao invés de se individuar<sup>2</sup>. Acontece então o processo de atomização do ser humano.

Essa atomização do indivíduo é, portanto, apenas o reflexo na consciência de que as “leis naturais” da produção capitalista abarcaram o conjunto das manifestações vitais da sociedade, de que – pela primeira vez na história – toda a sociedade está submetida, ou pelo menos tende, a um processo econômico uniforme, e de que o destino de todos os membros da sociedade é movido por leis também uniformes. (LUKÁCS, 2003, p. 208)

Estas leis de uniformização e de atomização do indivíduo são construídos socialmente pelas leis do modo de produção, as quais abarcam as manifestações da sociedade, por meio de um processo econômico homogêneo, que tem por característica homogeneizar também os membros da sociedade como um todo. Essa homogeneização será responsável, inclusive, pelo modelo idêntico de corpo característico da sociedade atual. O corpo como qualquer objeto desconfigura-se como algo individual.

Se, portanto, o próprio objeto particular que o homem enfrenta diretamente, enquanto produtor ou consumidor, é desfigurado em sua objetivação por seu caráter de mercadoria, é evidente que esse processo deve então intensificar-se na proporção em que as relações que o homem estabelece com os objetos enquanto objetos do processo vital em sua atividade social forem mediadas. (LUKÁCS, 2003, p. 210)

Não se deve esquecer o fato de as mediações às quais sujeitos e objetos estão submetidos dependem da sua condição de mercadoria, e esses objetos tornam-se então submetidos à lógica da própria produção, portanto, o sujeito se vê subsumido pela

---

<sup>2</sup> Para maiores detalhes ver Adorno e Horkheimer (1985).

mercadoria produzida por ele, a qual, com vida própria, poder-se-ia tornar, inclusive mais importante que o próprio sujeito, se não fosse a condição de equiparação entre mercadorias, nesse caso, produtor e produto.

Destarte, sob as condições capitalistas, as determinações mercantis,

[...] aparecem na consciência do homem e da sociedade burguesa, como formas puras, verdadeiras e autênticas do capital. Para a consciência reificada, essas formas de capital se transformam necessariamente nos verdadeiros representantes da sua vida social, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de se tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados à satisfação real de suas necessidades. Tais relações são ocultas na relação mercantil imediata. (LUKÁCS, 2003, p. 211)

Torna-se assim, muito difícil considerar a vida do homem fora das condições de sua criação. As leis gerais na consciência reificada são imperceptíveis e irreconhecíveis de maneira tal, que as relações mercantis são encobertas pela condição imediata da vida. Aparentemente, os objetos, atendem apenas às necessidades centrais da vida humana, todavia, é a produção quem define quais são as necessidades básicas de cada um.

Sendo assim, para a consciência reificada, esta se torna, necessariamente, a forma de manifestação do seu próprio imediatismo, que ela, enquanto consciência reificada, não tenta superar. Ao contrário tal forma tenta estabelecer e eternizar esse imediatismo por meio de um “aprofundamento científico” dos sistemas de leis apreensíveis. Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva. (LUKÁCS, 2003, p. 211)

Logo, deve-se considerar que todo o processo de reificação se fundamenta na construção de um tipo de sociedade, a qual tem por pressuposto a equiparação do produtor a seu produto, tendo em vista o fato do segundo, em certo sentido se tornar mais importante que o primeiro, ou seja, a mercadoria desenvolve vida própria, enquanto o trabalhador atribui a sua existência à vida da mercadoria. Desse modo, de maneira sintética pode-se considerar o processo de reificação pautado em três aspectos centrais, sendo eles: a) perda do sentido da totalidade; b) progressiva racionalização e, finalmente, c) transformação da estrutura da consciência (RESENDE, 1992).

No primeiro, o indivíduo perde o sentido da totalidade, realizando análises apenas parciais, fragmentadas e, portanto, abstratas do ponto de vista de uma compreensão mais completa e complexa da realidade. No segundo aspecto, encontra-se então uma racionalização cada vez mais significativa do ponto de vista dos processos sociais, alcançando um nível de racionalidade instrumental, marcadamente quantitativo, o que acomete segundo o próprio Lukács (2003) todas as classes sociais, com diferenças apenas quantitativas e não qualitativas, ou seja, nas condições atuais, o capitalista está

tão reificado quanto o próprio trabalhador ao qual contrata. Por fim, ocorre a transformação da estrutura da consciência, falando-se efetivamente em uma consciência unitária para o conjunto da sociedade, pois, afeta o ser humano em sua totalidade.

Enfim, as estratégias para o desenvolvimento da reificação são variadas e acontecem com a utilização de vários meios e instrumentos desenvolvidos historicamente, sobretudo os últimos três séculos. Todavia, o processo de reificação só pode efetivamente acontecer na consciência quando realizado através do corpo, e por isso, a educação física é uma ferramenta fundamental na organização desse processo, aspecto a ser melhor desenvolvido a seguir.

## 2. A Educação Física e a Reificação na Atualidade.

A educação física, tal qual se conhece neste momento tem a sua origem na sistematização da ginástica, no uso dos conhecimentos biológicos, sobretudo da medicina, e do apoio do paradigma empírico-analítico (positivista) de ciência, argumentos encontrados, sobretudo, nas obras de Soares (2001) e Oliveira (1994).

Essa área de conhecimento esteve sempre a serviço dos interesses do modo de produção capitalista, procurando garantir através do desenvolvimento da saúde, da aptidão física, da eugenia, da disciplina, do controle sexual ou outros tipos de propostas constitutivas da sua história para a realização do controle sobre o corpo, o qual, em certo sentido faz parte das políticas públicas que se fizeram presentes do século XVII até os tempos atuais (BAPTISTA, 2005).

Todavia, é importante considerar de maneira mais específica, algumas contribuições da educação física em sua relação mais direta com o processo de reificação. Estes subsídios podem ser encontrados, principalmente, na preocupação com o desenvolvimento da aptidão física e da saúde, no controle do peso e no desenvolvimento de certas tecnologias corporais.

Provavelmente, a primeira das perspectivas a utilizar o corpo em relação à reificação é a área da aptidão física e da saúde. Nessas abordagens, o corpo sempre é tratado a partir do exemplo máximo da reificação: a máquina. Este fato faz lembrar dos escritos de Descartes (2006). Para ele:

De modo algum parecerá isso estranho aos que, sabendo quantos *autômatos* diferentes ou máquinas móveis pode produzir a indústria dos homens, empregando apenas um número bem reduzido em comparação com a quantidade enorme de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes de que se compõe o corpo de cada animal, considerarem esse corpo como uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens (DESCARTES, 2006, p. 56). (Itálico do autor, negrito nosso).

Nesta citação, pode-se detectar a compreensão do autor em relação ao corpo do homem: um autômato criado por Deus e, provavelmente por isso, uma máquina mais perfeita se comparada àquelas produzidas pelos homens.

Essa concepção de corpo é aqui apresentada por ser repetidamente adotada pela perspectiva da aptidão física e saúde, principalmente, as elaborações mais próximas

da biologia. Fato encontrado na fisiologia do exercício, quando os textos apresentam comparações entre homens e máquinas, como o demonstrado por McArdle; Katch e Katch (2003), ao comparar a produção de energia no metabolismo aeróbio com uma usina hidrelétrica. Esta comparação relativamente inocente favorece a identificação do corpo humano com uma máquina como se isso fosse algo natural, porquanto, considera o fato de o mesmo também possuir a sua capacidade produtiva em condições de ser mensurada, tal qual uma máquina. Assim, pode-se avaliar o grau de reificação presente na concepção de corpo adotada por estes autores.

A lógica reificadora presente nessa situação é corroborada nas capacidades máximas de cada indivíduo. Cabe a cada um demonstrar através da superação dos limites biológicos, como é feito com os atletas, a possibilidade dos seres humanos ultrapassarem a própria condição de humanidade. Desse modo, o desenvolvimento da aptidão física converte-se na expressão máxima do rendimento. Este termo é discutido por Vaz:

Como mercadoria, a força de trabalho do atleta pode ser medida quantitativamente ou, melhor dizendo, duplamente calculada: por um lado cada esportista incorpora valor abstrato; por outro, tem sua capacidade de rendimento quantificada, o que esconderia os aspectos qualitativos do humano[...]. “A redução da força de trabalho à forma mercadoria, abstrata e quantificada, [implica] na concreta reificação da ação humana. As relações humanas baseadas na troca de mercadorias coisificam-se na forma de objetos mensuráveis e formalizados”[...]. (VAZ, 2008, p. 371). (Grifo nosso)

A passagem de Vaz sobre o rendimento do atleta demonstra como o mesmo é visto como elemento reificador, destarte, pode-se considerar o exemplo do atleta como algo fundamental para compreender a noção de reificação manifesta no corpo, quando se busca o rendimento esportivo máximo. Todavia, este nível de reificação não acontece apenas do ponto de vista da aptidão física, mas sobremaneira, da saúde, considerando o fato dela ser vista como uma necessidade para a produção, podendo ser mensurada na forma de composição corporal, níveis de triglicérides, glicemia, pressão arterial, entre outros (GUEDES, 2000; McARDLE; KATCH; KATCH, 2003).

No contexto apresentado a educação física funciona com duas atribuições sobre o corpo. A primeira, disseminando estes valores como sendo necessários para todas as pessoas, entendo os corpos dos seres humanos, independentes do contexto, como homogêneos. Segundo, a educação física se propõe a desenvolver práticas corporais com o objetivo de cumprir as promessas realizadas do ponto de vista da saúde, facilitando dessa forma a melhoria do desempenho corporal, conseqüentemente, a própria reificação do corpo, tendo em vista o grau de alienação e fetichização encontrados nestas práticas, independente do seu *lôcus* de aplicação.

Outro aspecto a ser considerado do ponto de vista da reificação do corpo é a relação de controle de peso. O peso corporal pode ser determinado de maneiras diversas, entre as quais se encontram a determinação do percentual de gordura ideal (%G), do índice de massa corporal (IMC) e do peso de massa magra. (McARDLE; KATCH; KATCH, 2003). Neste processo, o peso corporal e a quantidade de gordura são vistas apenas como desejáveis ou não, atendendo a padrões, fora do qual o corpo é

considerado saudável e/ou belo. Este fato é discutido por Almeida *et al*, partindo do seguinte argumento:

Esta sociedade é direcionada por uma concepção de corpo que, de acordo com Soares (2001), é a noção de um corpo reto e, em nosso entender, também um corpo magro. E não apenas isso. O corpo deve possuir algumas outras características, como aponta Goellner (1999), entre elas a juventude, a cor branca e um perfil social que compreendemos empiricamente como o da classe média. Destarte, ao se considerar este modelo de corpo como a referência, a indústria cultural, como um polvo mutante, cria novos braços, estratégias e ramificações e, mantendo sobretudo os seus objetivos, subdivide-se em duas indústrias distintas: a da beleza e a do emagrecimento (ALMEIDA *et al*, 2006, p. 796).

O argumento apresentado pela autora demonstra em certo sentido o fato da indústria cultural, regida pela racionalidade instrumental, apresenta características de corpo, convertidas em novas necessidades com condições de se focar um tipo de beleza corporal, como se cada ser não possuísse uma beleza própria. Este argumento da necessidade de controle do corpo também é discutido por Fischler (1995) ao apresentar o que ele chama de obeso benigno e maligno, sobretudo, do último, sendo ele desonesto, glutão, preguiçoso. Por isso, é necessário, controlar a sua má índole. Entretanto, o motivo para este controle, foge da simples preocupação com a saúde, a estética ou mesmo o nível de honestidade ou desonestidade apresentada pelas pessoas, mas acima de tudo, pela necessidade de fazer com que o corpo possa atender à coisificação que se faz essencial.

A educação física faz parte desse processo, por meio dos diferentes processos de treinamento voltados para o aumento do gasto calórico, aprimoramento das condições fisiológicas e das capacidades físicas e habilidades motoras. Nada pode escapar à idéia de um corpo reificado, pois, “[...] o que se coloca, no entanto, é que a redução do corpo a uma materialidade desqualificada faz com que ele seja visto como maquinismo, natureza cega, ou, o que é pior, como cadáver” (VAZ, 1999, p. 104). Assim, demonstra-se o desenvolvimento de uma coisificação que não faz o corpo vivo, mas, ao contrário um corpo morto, pois, essa é característica central da máquina, a sua extenuação.

Finalmente, pretende-se apresentar a reificação do ponto de vista das tecnologias corporais, tema este, o qual, isoladamente, poderia constituir um artigo inteiro, assim como, já se publicou dois livros como os de Le Breton (2003) e Marzano-Parisoli (2004). Além disso, outros estudos demonstram as relações de uso das técnicas corporais como Silva (2001b), na qual a autora comenta:

No Brasil, a disseminação de uma expectativa de corpo baseada na magreza é bastante grande e apresenta uma enorme repercussão, especialmente se considerada do ponto de vista da realização pessoal. Este país já é o oitavo mercado mundial em cosméticos, [...] apresenta estatísticas preocupantes em relação à insatisfação com a auto-imagem. [...] A insatisfação leva a intervenções drásticas sobre o corpo como as cirurgias plásticas, as mais variadas dietas, as diferentes ginásticas cada vez mais

especializadas em modelar milimetricamente o corpo humano, além da ingestão de medicamentos e produtos químicos com a mesma finalidade. (SILVA, 2001b, p. 14). (Grifo nosso)

A parte em **negrito** demonstra a preocupação da autora em demonstrar as tecnologias adotadas para transformar o padrão corporal, para se atender os anseios do modo de produção capitalista, bem como, as perspectivas apresentadas pela indústria cultural.

Todavia, muito mais drásticas são as interferências provocadas por clonagem, terapias genéticas, transplantes e outras técnicas mais sofisticadas cujo impacto maior é a perda do limite entre o natural e o artificial. Estes limites desaparecem paulatinamente, quando órgãos humanos são substituídos por outros produzidos pelas indústrias de bioengenharia (LEBRETON, 2003, MARZANO-PARISOLI, 2004). O fato central nessa análise não é o potencial benéfico dessas estratégias, mas antes demonstrar o fato de o corpo humano, em sua condição física (orgânica), como diria Marx (2002) estar sendo invadido paulatinamente pela dimensão inorgânica, externa ao corpo do ser humano.

Nesse aspecto, a educação física é praticamente deixada para trás, pois, qualquer treinamento corporal realizado é uma atividade da idade da pedra se comparado aos procedimentos atuais. O desenvolvimento dessas tecnologias é fato suficiente para considerar a necessidade de se refletir sobre padrões éticos das ciências e discutir seriamente, até que ponto o nível de reificação apresentado por Lukács (2003), pode ser levado adiante. A perda da condição “natural”<sup>3</sup> do ser humano é um passo em direção a criação de seres híbridos, entre o orgânico e o inorgânico. O mais impressionante é presenciar a existência de um novo tipo de eugenismo, com um agravante ainda maior, o fato de essa perspectiva estar passando despercebida ou, ao menos ignorada. Enfim, deve-se refletir sobre quais são as possibilidades apresentada pela educação física na atualidade.

### Considerações Finais

Ao iniciar as considerações finais desse texto, pretende-se iniciar apresentando a resposta ao problema proposto. A educação física tem contribuído com o incremento da reificação realizando atividades corporais voltadas para o desenvolvimento de padrões corporais milimetricamente definidos (SILVA, 2001b), satisfazendo anseios sociais pautados em dados meramente quantitativos e desprezando os aspectos qualitativos. Partindo da análise realizada por Resende (1992), ela tem contribuído para a perda da noção de totalidade das relações sociais, pela racionalização crescente e pela alteração da consciência, cada vez mais parcial em suas análises.

Todavia, ao se considerar possibilidades, deve-se refletir sobre a possibilidade de ampliação da autonomia dos seres humanos, através da realização de atividades cujo objetivo central seja a constituição de uma nova corporalidade, ou seja, de um modelo de corpo com capacidade expressiva qualitativa, porquanto, há a demanda de resgatar a sua condição de “expressão material e espiritual da existência

---

<sup>3</sup> Apesar do uso do termo natural, deve-se destacar a condição também cultural do corpo. Afinal, nenhuma condição corporal é apenas natural ou cultural, o corpo é uma construção histórica, o que significa dizer, ser o corpo uma relação natural e cultural simultaneamente, porquanto, eles são interdeterminantes.

humana” (BAPTISTA, 2007), o qual possui como direito inalienável, a garantia de possuir o seu próprio DNA sem o mesmo ser clonado ou utilizado para fins de reprodução de um ser idêntico. Afinal, diriam Adorno e Horkheimer (1985), que um dos objetivos sociais é garantir a diferença pela semelhança absoluta. Por fim, nunca é demais repetir as palavras de Adorno:

[...] em todos os planos de nossa vida, e que portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2000, p. 183).

#### REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, Ana C. N de et al. Corpo, Estética e Obesidade: reflexões baseadas no paradigma da indústria cultural. Estudos. Goiânia: Ed. da UCG, v. 33, n. 9/10, set./out. 2006, pp. 789-812.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Educação do corpo: produção e reprodução. Tese (Doutorado em Educação). Goiânia: UFG, 2007.
- \_\_\_\_\_. O Poder sobre o Corpo: notas sobre as políticas desenvolvidas a partir do século XVII. Estudos. Goiânia: Editora da UCG, v. 32, n. 3, mar. 2005, pp. 407-31.
- DESCARTES, René. Discurso do Método: regras para a direção do espírito. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT’ANNA, D. B. (Org.). Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, pp. 121-139.
- GOLDMANN, Lucien. A reificação. In: GOLDMANN, Lucien. Dialética e cultura. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 105-152.
- GUEDES, Dartagnan P. Abordagens quanto à relações Atividade Física, Aptidão Física e Saúde. In: MOREIRA, Wagner W; SIMÕES, Regina. Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000, pp. 123-35.
- LE BRETON, David. Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.
- LUKÁCS, Georg. A Reificação e a Consciência do Proletariado. In: LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v. 1. (Coleção Os Economistas).
- MARZANO-PARISOLI, Maria M. Pensar o corpo. Petrópolis: Vozes, 2004.
- McARDLE, William; KATCH, Frank; KATCH, Victor. Fisiologia do Exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- MEDEIROS, Mara. Metodologia da pesquisa na iniciação científica. Goiânia: E.V., 2006.

OLIVEIRA, Vítor M. de. Consenso e conflito da educação física brasileira. Campinas: Papirus, 1994.

RESENDE, Anita C. A. Fetichismo e subjetividade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.

SILVA, Ana Márcia. Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas/Florianópolis: Autores Associados/Editora da UFSC, 2001a.

SILVA, Ana Márcia. O corpo do mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, José C. (Org.) A (des)construção do corpo. Blumenau: EDIFURB, 2001b, pp. 11-33.

SOARES, Carmen L. Educação Física: raízes européias e Brasil. 2. ed.rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

VAZ, Alexandre F. Rendimento. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário Crítico de Educação Física. 2. ed.rev. Ijuí: Unijuí, 2008, pp. 371-3.

\_\_\_\_\_. Treinar o corpo, cominar a natureza: notas para uma análise do esporte como base no treinamento corporal. Caderno CEDES: Corpo e Educação. Campinas: CEDES, 1999, n. 48, pp. 89-108.

Professor de Educação Física, Doutor em Educação pela UFG, professor dos Cursos de Educação Física da ESFFEGO/UEG e do DEFD/UCG.

Rua L-2, n. 335 Bairro Feliz, Goiânia – GO. CEP: 74630-190. e-mail: [tadeujrbaptista@yahoo.com.br](mailto:tadeujrbaptista@yahoo.com.br).

Tecnologia de Apresentação: Data-show